



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA

O PECADO ORIGINAL:
Na perspectiva de Paulo em Romanos 3.23

PAULO CEZAR ALVES HAYDEN

BELÉM-PARÁ
2011



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA**

O PECADO ORIGINAL:

Na perspectiva de Paulo em Romanos 3.23

PAULO CEZAR ALVES HAYDEN

Monografia apresentada em cumprimento às exigências
Do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade
Teológica Batista Equatorial – FATEBE.
Orientador: Profº Rev. Benildo Veloso da Costa

BELÉM- PARÁ
2011

HAYDEN, Paulo Cezar Alves

O PECADO ORIGINAL: *Na perspectiva de Paulo em Romanos*

3.23 /

Paulo Cezar Alves Hayden. Belém: Edição Independente, 2011.
Monografia (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista
Equatorial. FATEBE

1. Definição – 2. Exegese - 3. Pressupostos I. Título.

NOMINATA

Diretor Geral

Dr. David Bowman Riker

Diretor Acadêmico

Prof. Ms. Manoel Ribeiro de Moraes Júnior

Coordenador de Pós-graduação e pesquisa

José Carlos de L. Costa

Diretor Administrativo

Pr. Antonio Ronaldo

Secretaria Geral

Responsável : Gabriela Nunes Campos

O PECADO ORIGINAL:
Na perspectiva de Paulo em Romanos 3.23

PAULO CEZAR ALVES HAYDEN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
Requisito final para obtenção de grau de Bacharel em
Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica
Batista Equatorial/orientado pelo Profº Rev. Benildo
Veloso da Costa

Banca Examinadora:

1. _____
Profº Rev. Benildo Veloso da Costa

2. _____
Profº Josué da Silva de Lima

3. _____

Profº Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

Aprovado em: ___/___/___

Conceito: _____

“pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”.

(Rm 3.23)

A G R A D E C I M E N T O S

Ao meu Deus, Todo-Poderoso, que está entre os que me ajudam.

À minha querida família, principalmente as minhas duas filhas, Paula e Aline, pelo carinho e compreensão.

A direção, e todos os funcionários da FATEBE, pela atenção e serviço dispensados.

A todos os amigos de classe pelo companheirismo e colaboração.

Agradeço ao professor Benildo Veloso da Costa pela orientação eficaz.

“O conceito de pecado abrange toda a gama de fracassos humanos, desde a transgressão de um único mandamento até a ruína da totalidade da existência de uma pessoa. A palavra mais generalizada para “pecado” é *hamartia* que, juntamente com seus cognatos, designa transgressões contra a moralidade, as leis, os homens e os deuses.”.

Lothar Coenen

RESUMO

Os homens encontram-se separados da presença de Deus por causa de seus pecados. É uma tragédia estar separados de Deus. O pecado atinge, não apenas o indivíduo, como tal, mas sua influência compreende à sociedade em que o indivíduo vive. Cristo veio dar sentido à existência do homem, tornando possível a vida abundante e significativa. Jesus veio ao encontro de cada pessoa que se considera perdida, abandonada, distantes e alienada. O estudo propõe formular a hipótese de que, o pecado original não atinge apenas a determinados indivíduos. Com a transgressão de Adão e Eva, toda a raça humana ficou contaminada, por isso, o pecado é universal.

Palavras-chave: Pecado original, raça humana, separados, transgressão, universal.

ABSTRACT

The men are separated from the presence of God because of their sins. It is a tragedy to be separated from God. Sin achieves, not just the individual, as such, but its influence includes the society in which the individual lives. Christ came to give meaning to human existence, making possible the abundant life and significant. Jesus came to meet each person who feels lost, abandoned, alienated and distant. The study proposes to formulate the hypothesis that the original sin affects not only to certain individuals. With the transgression of Adam and Eve, the whole human race was contaminated, therefore sin is universal.

Word-key: original sin, human race, separated, transgression, universal.

LISTA DE ABREVIATURAS

Ag- Ageu

Am - Amós

Ap - Apocalipse

At – Atos dos Apóstolos

AT – Antigo Testamento

1Co – Primeiro a Coríntios

2Co – Segundo a Coríntios

Dn - Daniel

Dt - Deuteronômio

Ec - Eclesiastes

Ef - Efésios

Ex - Êxodo

Ez - Ezequiel

Fp - Filipenses

Gl - Gálatas

Gn - Gênesis

Hb - Hebreus

Is – Isaías

Jo - João

1Jo – Primeiro a João

Jr - Jeremias

Lc - Lucas

Lv - Levítico

LXX - Septuaginta

Mq - Miquéias

Mt – Mateus

Mc - Marcos

NT – Novo Testamento

Os - Oséias

1Pe – Primeiro a Pedro

2 Pe – Segundo a Pedro

Pv - Provérbios

Rm - Romanos

1Rs – Primeiro a Reis

2Rs – Segundo a Reis

Sl - Salmos

1Samuel – Primeiro a Samuel

Sf - Sofonias

1Tm – primeiro a Timóteo

1Ts – Primeiro a Tessalonicenses

2Ts – Segundo a Tessalonicenses

Tt - Tito

Zc - Zacarias

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

.....13

2. DEFINIÇÃO E NATUREZA DO PECADO NO AT E NT

.....14

2.1 A PALAVRA GREGA HAMARTIA

.....14

2.2 O PECADO NO AT

.....15

2.2.1 O pecado como ato do homem

.....	15	
2.2.2	Concepções	vétero – testamentária do pecado
.....	17	
2.3.	O	PECADO NO NT
.....	19	
2.3.1.	O	ensino de Jesus sobre o pecado
.....	19	
2.3.2.	O	pecado na concepção de Paulo
.....	21	
2.3.3.	O	pecado na doutrina de João
.....	23	
3.	EXEGESE	DE ROMANOS 3.23
.....	26	
3.1	DELIMITAÇÃO	DA PERÍCOPE
.....	26	
3.2	O	CONTEXTO
.....	26	
3.2.1.	Contexto	Remoto
.....	26	
3.2.2.	Contexto	Mediato
.....	27	
3.2.3.	Contexto	Imediato
.....	28	
3.2.4.	Contexto	mais Amplo
.....	28	
3.3.	TEXTO	COMPREENDIDO
.....	28	
3.4.	ANÁLISE	GRAMATICAL
.....	29	
3.5	ESTUDO	DAS PALAVRAS CHAVES
.....	30	

3.5.1. pa,ntej	(todos)	
.....		30
3.5.2. a`marta,nw	(pecado)	
.....		30
3.5.3. u`stere,w	(carecer)	
.....		31
3.5.4. do,xa	(glória)	
.....		32
3.5.5. qeo,j	(Deus)	
.....		32
3.6. TEOLOGIA	DO	TEXTO
.....		33
3.7. APLICAÇÃO DO TEXTO E SUA MENSAGEM A SITUAÇÕES REAIS DE HOJE		
.....		35

4. PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS SOBRE O PECADO		
.....		36
4.1 O PECADO ENTROU NO MUNDO POR ADÃO, E ASSIM PASSOU A TODOS OS	HOMENS	
.....		36
4.2 O PECADO FAZ DO HOMEM OBJETO DE IRA DE DEUS		
.....		38
4.3 O PECADO É PUNIDO PELA CONDENAÇÃO FUTURA, DETERMINADA NO TEMPO	PRESENTE	
.....		39
4.4. O PECADO IMPERDOÁVEL ENVOLVE A DUREZA DE CORAÇÃO E A		

FALTA	DE	ARREPENDIMENTO	
.....			41
4.5. TODO PECADO É PURIFICADO PELO SANGUE DE CRISTO			
.....			43
CONCLUSÃO			
.....			46
BIBLIOGRAFIA			
.....			47

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo surgiu a partir do interesse em oferecer uma visão bíblica do pecado original e suas implicações para a igreja hoje. A doutrina do pecado é sumamente importante e deve merecer atenção especial de cada sincero estudante da Bíblia Sagrada. Desta maneira, o objetivo deste material é analisar as passagens bíblicas sobre o pecado, interpretando o pensamento dos autores sagrados no seu próprio contexto histórico, possibilitando a reflexão e a aplicação prática sobre o perigo do pecado original para os dias de hoje: ele prejudica a relação com Deus, e com o próximo.

A salvação de Deus em Cristo é o fundamento apresentado por Paulo pelo perdão dos pecados. O pecado é uma questão resolvida por Deus, por meio da morte vicária de Cristo, a fim de levar a conclusão de que o pecado, não pode ser perdoado por qualquer esforço humano.

A universalidade do pecado ensinada nas Escrituras é confirmada pela experiência humana. Este é o fator que torna difícil a aceitação do conceito de pecado original. Todo este esforço acadêmico é para levar ao contato das Escrituras, visando comprovar que o pecado e perdão ocupam uma posição central nas boas novas ensinadas por Jesus e por seus apóstolos.

Este trabalho buscará identificar a necessidade de reconhecimento da universalidade do pecado original, por isso, no primeiro capítulo, se procura estabelecer conceitualmente a melhor definição do pecado e sua natureza no AT e NT. No segundo, apresenta-se a exposição exegética de Romanos 3.23. E o terceiro enfatiza os pressupostos teológicos sobre o pecado. E por fim, apresentar a ideia que a nova vida em Cristo, é extraordinariamente melhor do que a vida em pecado.

2. DEFINIÇÃO E NATUREZA DO PECADO NO AT E NT

O ensino das Escrituras Sagradas sobre o pecado é relevante e deve merecer aplicação de cada leitor. Do contrário, se vier a descuidar das verdades bíblicas respectivas ao pecado, se afastará da verdadeira noção da obra redentora de Cristo.

2.1. A PALAVRA GREGA HAMARTIA

O pecado é uma das mais cruéis realidades do mundo que rodeia o homem, e, é impossível ignorá-lo. Por causa do pecado, as pessoas padecem dores, enfermidades, angústias, condenação e morte. O pecado segundo foi registrado por Lothar Coenen diz que:

O conceito de pecado abrange toda a gama de fracassos humanos, desde a transgressão de um único mandamento até a ruína da totalidade da existência de uma pessoa. A palavra mais generalizada para “pecado” é *hamartia* que, juntamente com seus cognatos, designa transgressões contra a moralidade, as leis, os homens e os deuses.

A palavra que melhor define o pecado é *hamartia*. Na Bíblia a mesma palavra é utilizada para descrever “erro”, “falta de alcançar um alvo” (considerado espiritual). Assim, *hamartia* descreve o pecado como um não atingimento do alvo ou fracasso por não alcançar um objetivo. Este alvo ou objetivo pode ser entendido por um padrão (espiritual) estabelecido por Deus, a que se falha em atingir.

A palavra pecado ocorre cerca de 440 vezes no texto bíblico. “Seu significado básico é "errar o alvo". Seu equivalente no grego é *hamartano*”. Sobre a etimologia, G. E. Ladd declara:

O pecado também é a falta da marca (*hamartia*) da vontade de Deus. Essa é a palavra que Paulo mais comumente usa para designar o pecado. O pecado entrou no mundo por Adão (Rm. 5:12), e assim passou a todos os homens, levando-os à servidão, cujo fim é a morte (Rm. 6:23). Até a vinda de Cristo, o pecado havia reinado na morte sobre a raça humana (Rm. 5:21) como um poder do qual o ser humano não podia se libertar.

Hamartiologia é um vocábulo que se deriva do grego *hamartia*, que significa “pecado” e *logos*, que quer dizer estudo, tratado. Isto posto, hamartiologia é o estudo sobre a doutrina do pecado.

2.2. O PECADO NO AT

No AT, não existe uma palavra que defina, de um modo geral, o conteúdo conceitual de pecado, conforme existe no NT. Mas, “o conceito vétero-testamentário do pecado é o lado inverso e negativo da idéia da aliança, sendo, portanto, expressado amiúde em termos jurídicos”. Assim, o pecado é a transgressão por passar por cima da linha divisória, traçada por Deus, entre o bem e o mal (Lv 5.15).

2.2.1. O pecado como ato do homem

O homem é pecador por decisão própria. Historicamente, a introdução do pecado no mundo está descrita em Gênesis 3, “na linguagem velada da narrativa dramática da sedução do primeiro casal humano pela serpente”. A Bíblia revela com detalhe e ensina que, por culpa de um ato do homem, o pecado veio ao mundo, com todas as suas consequências

universais. Esse homem foi Adão.

Quando Adão pecou, estabeleceu um triste princípio para os homens: todos os seus descendentes nascem no mesmo estado pecaminoso em que ele caiu. Este é o pecado original. Lendo e interpretando Romanos 5.12,13, Robert H. Gundry escreveu:

Em 5.12,13, Paulo argumenta que o reinado da morte, antes mesmo de Deus haver dado a lei por meio de Moisés, provava que a raça humana inteira está implicada no pecado original de Adão; pois, antes da época de Moisés, não havia nenhuma lei escrita para ser quebrada. Segue-se o contraste entre “um” e “muitos” (expressão semítica que significa “todos”, como se vê também na RA) pecaram e morreram em Adão; de igual modo, um homem (Jesus Cristo) realizou um ato de justiça sobre a cruz resultando em que “os muitos” (todos quantos o recebem) são considerados justos e vivem eternamente.

Quando o primeiro homem, em nome de toda a humanidade, rompeu com Deus, ele não apenas condenou-se e a todos os seus descendentes a estar para sempre separados de Deus, como ele causou uma profunda alteração na natureza humana, que se tornou, por definição, pecaminosa. Na verdade, a partir do ato de Adão, todos os seres humanos nasceriam, inevitavelmente, pecadores. A natureza humana é má, e isto é universal.

A Bíblia define essa situação pecadora do homem em três modos distintos: a) Estado de depravação (Gn 6.5; Sl 14.3 e Rm 7.18); b) Estado de culpa (Mt 10.15); c) Estado de pena (Rm 5-12). Os homens têm feito muito esforço através, dos anos para negar a realidade do pecado, mas isto é impossível, pois, o pecado é uma realidade e um fato universal.

O primeiro homem abusou da liberdade e dos poderes pessoais que Deus lhe outorgara. Ele havia recebido instruções para não desejar coisa alguma proibidas por Deus, mas, Adão e Eva falharam em sua prova, e tomaram um ato de rebelião contra Deus: foi o fruto tirado da árvore do conhecimento do bem e do mal, que Deus proibira (Rm 5.12-19; 1Tm 2.13, 14; cf. Gn 3.1-8).

O ponto central do relato da queda do homem é de que “o pecado não é algo de trágico, de anônimo, mas é o ato do homem”. Adão e Eva, voluntariamente, rejeitaram o bem e apegaram-se ao mal. Foi uma escolha espontânea, deliberada e consciente. Ralph L. Smith admite: “A natureza do ser humano pode ser vista no que ele faz. Muitos atos humanos, a começar com Adão, são atos de rebeldia contra Deus. O ato culminante de rebeldia pode ser visto na crucificação de Cristo”.

Quanto à origem do pecado, se deve reconhecer que existem distintas especulações humanas em torno do problema do pecado. Não é descartado o fato de que o pecado é anterior ao homem. Assim, ele aparece na Bíblia na pessoa de Satanás e dos anjos caídos (Ez 28.13-17; Is 14.12-15). Assim, biblicamente, a ideia mais aceitável é a de que a origem do pecado localiza-se no mundo angelical, porém, historicamente teve início na ação do homem.

2.2.2. Concepções vétero – testamentária do pecado

Na realidade, às várias palavras que descrevem aspectos diferentes do pecado na vida das pessoas e na sociedade procedem de uma mesma atitude básica: a rejeição da vontade de Deus, em favor da vontade do próprio indivíduo. Dentre as palavras se destaca: *hata* e *pesha*.

Hata é o principal termo para descrever pecado no AT. Ela é empregada cerca de 580 vezes. Seu sentido básico é o de “errar um alvo ou um caminho”, “ficar aquém do padrão”. “Quando age desse modo, o homem está-se desviando do alvo ou do padrão que Deus tem para ele; está deixando de observar os requisitos de uma vida santa, ou ficou aquém de uma inteireza espiritual”.

Assim, *hata* traz a ideia de desvio do alvo, desvio da obediência, uma falta de inteireza ou de aceitação perante Deus (Lv 4.2; 5.16). Também o ato de *hata* traduz a ideia de uma quebra da lei civil (Gn 40.1; Ex 5.16; 2Rs 18.14). “Acentuam-se aqui mais os fatos

objetivos e tem-se em mira a atitude contrária à norma. Neste sentido o termo “pecado” significa que alguém pratica alguma coisa errada”.

Pesha significa rebelião. Ela traz a ideia fundamental de um “rompimento nos relacionamentos” (tanto civis quanto religiosos) por transgressão ou revolta (Is 1.28; 48.8; Ez 2.3; Os 8.1). “O sentido predominante de *pesha* é o de rebelião contra a Lei e a Aliança de Deus, e, por conseguinte, o termo é um substantivo coletivo que denota a totalidade de iniquidades e um relacionamento fraturado”.

Assim, o pecado é um ato de rebelião, de revolta contra Deus, estabelecido por uma independência falsa. É a substituição de uma vida para Deus, por uma vida para si. “A palavra *pesha* afinal significa renegar, revoltar-se contra Deus, quebrar a fidelidade à aliança, tornar-se infiel”.

A reação divina à rebelião consiste no castigo (Sl 37.38; Is 1.28; Dn 8.25), ou como uma renovação do relacionamento, pois, a vontade divina é realmente o de propiciar salvação (Is 46.8, 53.12; Jr 33.8; Os 7.13; Sf 3.11).

2.3. O PECADO NO NT

O pecado é um mal universal (Rm 3.10; 1Jo 1.8; 1Jo 5.19). Quando Adão pecou, caiu, e em sua queda levou toda a raça humana, pois, ele era o pai e cabeça da raça, era a raiz da humanidade. Daí, o fato de chamar-se o seu pecado de original, ou seja, pecado da raça. Quanto aos outros pecados de Adão, não tiveram influência no coração, pois, eram pecados pessoais. Eles confirmaram a queda, mas eram pecados da exclusiva responsabilidade de Adão. Foi por meio de Adão que o pecado entrou no mundo, e com ele, a morte. Os homens têm feito muito esforço através dos anos para negar a realidade do pecado original, mas isto é impossível. O pecado é uma realidade e um fato universal. As verdades bíblicas concernentes ao pecado revelam a doutrina de Jesus, Paulo e João.

2.3.1. O ensino de Jesus sobre o pecado

A Escritura traçara a origem do pecado e sua relação com Satanás, relatando como o pecado entrou no mundo. Também, revela as consequências desastrosas do pecado na história humana, e como foi necessário Jesus Cristo morrer na cruz para libertar os homens do seu poder. Todavia, Jesus não era reconhecido por todos de sua época como o Filho de Deus que tira o pecado do mundo. De um modo geral, os judeus questionavam pelo seu procedimento em relação à lei.

É importante que se tenha em mente, a observação de Ruf quando diz:

Seria, porém entender fundamentalmente mal a mensagem de Jesus, se quiséssemos ver nele um desprezador da lei. Jesus coloca a lei no lugar que lhe cabe. Não quer revogá-lo, mas cumpri-la totalmente, e por isso não pode e não deve dar-se por satisfeito com a justiça que caracterizava a religiosidade daquele tempo. Sempre que a encontrar, mostra os profetas – a malícia do pecado, onde ela se esconde atrás da fachada de uma aparente justiça.

A justiça que se manifestou é a de Deus, a mesma que a lei e os profetas pregaram, isto é, a justiça de Deus que precisa ser satisfeita para que possa haver salvação. Em Jesus Cristo se se manifestou uma forma de satisfazer a justiça de Deus sem precisar do cumprimento da lei. Em outras palavras, o sacrifício de Cristo satisfaz a justiça de Deus, isto é, pagou o preço que a justiça de Deus cobrava do homem pecador como reparação pelo ato de rebeldia.

Na verdade, a lei não veio para nos salvar do pecado, mas para deixar claro que por si mesmo, o homem não consegue se salvar. Ele não tem força para isso, para produzir a sua própria salvação. Ninguém fica imune ao pecado, mas a lei está aí para acabar com a ignorância e revela a impotência humana.

Todos os que tentam cumprir a lei, se forem sinceros, terão de admitir que a lei não

tenha em si mesmo poder para salvar, pelo contrário, tem poder para condenar, ou melhor, para demonstrar o porquê da condenação.

Cristo veio para dar sentido à existência humana. Ele veio ao mundo por causa do pecado do homem. Seu objetivo era libertar os homens de seus pecados. Por isso, ele põe em questionamento toda a moral corrente dos judeus. “Jesus orienta para dimensões que há muito estavam desaparecidas da concepção corrente: pecado é algo que acontece no coração do homem”.

Jesus sabia que os grandes conflitos começam dentro do ser humano: “Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.21-23).

A guerra contra o pecado começa dentro dos homens. A verdadeira guerra é travada dentro de cada homem e mulher. São as inseguranças e os medos que produzem uma instabilidade emocional e espiritual. Foi no coração dos homens que nasceram todas as guerras e conflitos mundiais. É por isso que o principal alvo da paz de Jesus Cristo é o coração. Para Cristo, a paz significa ausência de guerra, tranquilidade na alma, no interior de cada um.

O ensino de Jesus evidencia uma ruptura fundamental contra as ideias correntes dos judeus, as quais na práxis são orientadas pelos rituais de expiação vétero-testamentárias. Assim, Jesus não combate o pecador, mas o pecado de nascer no interior do homem, em seu coração. O pecado é uma das mais cruéis realidades do mundo que rodeia o homem, e é impossível ignorá-lo. Por causa do pecado, os homens padecem dores, e enfermidades, angústias, condenação e morte. O pecado segundo afirmou Ambrosius K. Ruf “é algo que acontece no coração do homem”.

Sendo assim, Cristo quer que habite em cada coração a paz com Deus: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo” (Jo 14.27). Pois, por causa

dos pecados, os homens encontram-se separados de Deus. E, então, Ele oferece a reconciliação mediada por seu sangue derramado na cruz pelos pecados.

O pecado provoca um coração conturbado e um sentimento de culpa pelos erros: “Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.27). Quantas pessoas vivem atormentadas por culpa que carregam durante toda a vida, culpa por coisas que fizeram ou deixaram de fazer, culpa pelos pecados cometidos. Mas, Jesus veio com uma nova doutrina: Jesus quer que habite em cada coração, a paz com Deus. Estar empenhado pela paz significa abrir o coração humano à irrupção da força renovadora de Deus.

2.3.2. O pecado na concepção de Paulo

“A personificação do pecado é um recurso comum em Paulo”. Paulo chama atenção para os poderes maléficos pessoais ou impessoais, foram levados à subordinação por meio da morte e exaltação de Cristo e que serão, com toda convicção, destruídos por intermédio do Reino messiânico.

Para o apóstolo Paulo, o pecado constitui-se em uma grandeza, uma potência, uma pessoa que se apresenta como senhor deste mundo (2Co 4.4). O presente século maligno e a humanidade estão sob o domínio dos poderes maus, e o Reino de Deus tão somente pode se realizar por meio da derrota e da sujeição desses poderes. Assim, escravizados pelos poderes sobrenaturais do mal se encontram todos os homens fora de Cristo.

O pecado é visto por Paulo como um poder independente, hostil, exterior aos homens, e alheios a ele (Rm 7.8,11,17). Devido a esta pecaminosidade humana, a lei torna-se um instrumento de condenação (Rm 5.13), de ira (Rm 4.15) e de morte (Rm 7.19). Apesar do termo morte se referir ao aspecto físico (Rm 5.12), é evidente que Paulo também se refere ao aspecto espiritual, que designa a separação de Deus.

Também, na concepção paulina, o pecado vive no homem, seduzindo-o e

escravizando-o todo o seu ser por meio da “carne” (Gl 3.1-5). Tal concepção foi assinalada por Ladd ao escrever:

Paulo, tem um uso distinto do termo “carne”, designa a humanidade em sua queda, sua pecaminosidade e sua rebelião contra Deus. Às vezes, Paulo chega a quase personificar a carne (*sarx*), percebendo-a como um poder alheio, hostil, que exerce domínio sobre a humanidade, e do qual ela precisa ser libertada. A carne é hostil ao Espírito de Deus e não pode agradar a Deus (Rm 8.5-8). A carne luta contra o Espírito (Gl 5.17) e leva à morte (Gl 6.8).

Os cristãos da Galácia são exemplos de pecadores que vivem não somente na “carne”, mas de acordo com as leis da carne. Eles estavam se afastando dos princípios bíblicos que Paulo lhes ensinara, dando ouvidos aos cristãos judaizantes, que divulgavam um “outro evangelho”, contrário ao Evangelho de Cristo (Gl 1.6-7).

O apóstolo Paulo se surpreendeu que em tão pouco tempo os gálatas se desviaram da mensagem do Evangelho de Cristo para voltar aos rudimentos da lei, que não poderia salvá-los. Ele revela seu desapontamento com os gálatas, chamando-os de “insensatos” (Gl 3.1), e os questiona pela decadência espiritual, pois, haviam começado pelo Espírito e agora estavam vivendo pela carne, por confiarem nas práticas da lei mosaica (Gl 3.3).

O pecado é uma lei que atua dentro dos homens. Paulo escreveu: “vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Rm 7.23). Assim, a luta contra o pecado é inglória: ninguém por si mesmo consegue vencer o pecado.

Ambrosius K. Ruf denuncia a impotência do homem em buscar a salvação, a libertação pelo esforço próprio do pecado:

Existe pecado quando alguém, julgando poder levar sua vida entregue às coisas deste mundo e à carne, abandona a própria fonte de sua vida. Muita coisa pode ser sinal e expressão desse projeto errado de vida: até mesmo o zeloso

cumprimento da lei pode neste sentido ser qualificado de pecado, enquanto o homem através dela guarda a justiça e pensa ganhá-la por próprio esforço.

O pecado não representa uma questão trivial. Ele impede que os seres humanos não podem resgatar a si mesmos. Fora de Cristo, os homens eram filhos da ira (Ef 2.3). A ira de Deus é revelada dos céus, contra toda a impiedade e injustiça dos homens (Rm 1.18). A ira expressa o que Deus está fazendo e o que fará com o pecado.

Na verdade, a lei mosaica denuncia a necessidade da graça de Deus por causa de deficiência, da incapacidade, da impotência do homem em cumprir com o padrão divino exigido. Paulo ensinou aos gálatas a natureza da verdadeira liberdade que se encontra em Cristo (Rm 6.16-22), que se manifesta em amor a Deus e ao próximo, o que é o cumprimento da lei (Gl 5.13-14).

2.3.3. O pecado na doutrina de João

“O pecado, como João o descreve é um estado no homem, uma constituição interna permanente”. Por isso, João afirma: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós” (1Jo 1.8).

João combateu à ideia gnóstica de perfeição e isenção de pecados: “Aquele que foi espiritualmente iluminado pode alcançar uma perfeição que o coloca além da tentação e do pecado”. Em refutação a doutrina gnóstica, João acentua a realidade da pecabilidade que ainda continua, nos homens espiritualmente, nem mesmo o cristão mais maduro ou experiente no conhecimento da Palavra de Deus é capaz de alcançar a perfeição sem pecado nesta vida.

Na linguagem de João, o cristão permanece um homem fraco e pecador: “Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua Palavra não está em nós” (1Jo

1.10). Todavia, o poder de Deus está nele a trabalhar: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9), e , “Se andarmos na luz (...) o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1.7).

Em resumo, Sobre a origem do pecado é anterior ao homem. Ele aparece na Bíblia na pessoa de Satanás e dos anjos caídos (Ez 28.13-17; Is 14.12-15). Satanás foi o primeiro pecador (1Jo 3.8; Jo 8.44). Não é correto afirmar-se que Deus é autor do pecado. Sua natureza não lhe permitiria criar o pecado (Jo 34.10; Is 6.3; Dt 32.4; Zc 8.17 e Dt 25.16).

A ideia mais aceitável é a de que a origem do pecado localiza-se no mundo angelical. Deus criou os anjos bons, puros e perfeitos, mas, o orgulho nascido um dia no coração de Lúcifer, levou-o a expelir a semente do pecado que atingiu uma terça parte dos anjos, os quais foram com ele expulsos do Céu (Gn 1.31; Jo 8.4 4; 1Jo 3.8 e 1Tim 3.6. 5).

A origem histórica do pecado (a introdução do pecado no mundo), está descrita em Gênesis 3. O homem foi o instrumento que Satanás encontrou para vingar-se de Deus. (Rm 5.12, cf. Gn 2.1 5-17). Mas, isso não anula a responsabilidade do ato de Adão. Por meio de Adão, o pecado entrou no mundo. E assim, houve a separação de Deus. O pecado é a degeneração da natureza humana, a queda da natureza humana. O pecado não representa um ato moral, é uma alteração da natureza humana. Os homens vieram a tornarem-se pecadores.

O pecado é um fato dominante da experiência humana. Os que rejeitam a revelação bíblica frequentemente defendem ou criam conceitos errôneos a respeito do pecado. As Escrituras Sagradas afirmam, categoricamente, que o pecado é uma realidade. Elas falam em tirar o pecado do mundo (Jo 1.29); elas afirmam que "todos pecaram" (Rm 3.23), e dizem ainda que "todos estão debaixo do pecado" (Gl 3.22). Deus sempre se dirige ao homem como a um pecador.

Sobre a universalidade do pecado, este é um mal universal (Rm 3.10; 1Jo 1.8; Lc

11.13; 1Jo 5.19; 1Rs 8.46; Sl 143.2; Pv 20.9; Ec 7.20 e Sl 51.2). Quando Adão pecou, caiu, e em sua queda levou toda a raça humana, pois, ele era o pai e cabeça da raça, era a raiz da humanidade. Daí o fato de chamar-se o seu pecado de original, ou seja, pecado da raça.

3. EXEGESE DE ROMANOS 3.23

3.1. DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

Merece certo destaque a citação de Romanos 3.23, pois, exprime condições fundamentais sobre o pecado original. Por isso, a delimitação da perícopé, a saber: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”.

3.2. CONTEXTOS

3.2.1. Contexto Remoto

A autoria da Epístola aos Romanos é dada ao apóstolo Paulo. O texto da Epístola traz o nome de Paulo (Rm 1.1). O estilo, o vocabulário e a estrutura de Romanos são os mesmos de 1 e 2 Coríntios, e de Gálatas. Aceitar a autoria paulina de um é considerar a de todas. O apóstolo tinha a intenção de visitar os romanos (Rm 1.11,12) para fortalecimento mútuo, tanto espiritual como financeiro e então, seguir viagem para Espanha.

Sobre a época da composição, as indicações de Atos 20.2 e Romanos 15.24,28 evidenciam que o apóstolo Paulo escreveu a Epístola, perto do fim de sua permanência em Corinto, durante a sua terceira viagem missionária (2Co 13.1). Isto remete a data de 53 d.C.

A Epístola aos Romanos foi escrita para a comunidade cristã formada tanto por judeus e gregos. Paulo refere-se aos cristãos de Roma como sendo “amados de Deus”, pessoas alcançadas pelo amor salvador de Deus, e como “chamados para ser santos”. São aqueles vocacionados para terem uma vida pura e sem contaminação com as impurezas do mundo.

A história por detrás do texto indica que a igreja cristã na cidade de Roma não foi fundada pelo apóstolo Paulo, ela já existia por algum tempo (Rm 1.8,10,12,13; 15.23). É evidente que teve um início judaico, uma vez que alguns legalistas negavam o apostolado legítimo de Paulo. Então, o apóstolo assevera seu apostolado, enfatizando o Evangelho de Cristo caracterizado pela graça, contrário a mensagem e prática legalista e ritualista de muitos cristãos judeus.

O tema de Romanos pode ser representado: “A justiça de Deus para judeus e gentios”. Este pode ser visto desenvolvido da seguinte forma:

- 1) Um mundo e uma religião vazios de Deus (caps. 1 e 2);
- 2) Pecado e Justificação (caps. 3);
- 3) Perseverança na fé e vida em santidade (caps. 4 e 6);
- 4) Prenúncio do Espírito e vida pela Graça (caps. 7 a 8.1-30);
- 5) O triunfo do crente e a soberania de Deus (caps. 8.31 a 9);
- 6) Salvação para todos (caps. 10 e 11);
- 7) O cristão e seus relacionamentos (caps. 12 ao 15.7);
- 8) Ministérios (caps. 15.8 ao cap. 16).

3.2.2. Contexto Mediato

O contexto mediato compreendido consiste em que os homens pecadores encontram-se afastados da glória de Deus (3.23):

- a) A universalidade do pecado (3.23 a);
- b) A glória de Deus (3.23 b).

3.2.3. Contexto Imediato

O assunto imediatamente antes da passagem consiste na justiça de Deus (verso vinte um até o verso vinte e dois) em que Paulo apresenta a justiça de Deus independente da Lei mosaica, e testemunhada pela Lei e Profetas; descrevendo as características essenciais da

justiça por meio da fé.

O assunto imediatamente depois da passagem consiste em que Deus é justo e justificador daquele que possui fé em Cristo Jesus (verso vinte e quatro até o verso vinte e seis).

3.2.4. Contexto mais Amplo

Existem algumas passagens que sem pertencerem ao contexto imediato referem-se ao assunto do texto em questão:

a) Por meio de Adão, os homens vieram a tornar-se pecadores (Rm 5.12);

b) Deus atribui a todos os homens a condição de pecadores culpados em Adão, mas também, atribui a todos os que creem em Cristo, a condição de justos (Rm 5.18-19);

c) O destino futuro dos homens pecadores depende de sua reação presente para com a pessoa e missão de Cristo (Jo 3.18; 8.24).

3.3. TEXTO COMPREENDIDO

O texto foi lido várias vezes com o objetivo de assimilação, e reescrito da seguinte forma: “Todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus”. Foi tomado o cuidado para não torcer o sentido do texto.

3.4. ANÁLISE GRAMATICAL

TRADUÇÃO	PALAVRA	LÉXICO	ANÁLISE DA PALAVRA
todos	pa,ntej	pa/j	Adjetivo Indefinido Nominativo Masculino Plural
pois	ga.r	ga.r	Conjunção Coordenativa
pecaram	h[marton	a`marta,nw	Verbo Aoristo Ativo Indicativo 3ª pessoa do plural
e	kai.	kai.	Conjunção Coordenativa
carecem	u`sterou/ntai	u`stere,w	Verbo Indicativo Presente Passivo 3ª pessoa plural
da	th/j	o`	Artigo Genitivo Feminino Singular
glória	do,xhj	do,xa	Substantivo Genitivo Feminino Singular
de	tou/	o`	Artigo Genitivo Masculino Singular
Deus	qeou/	qeo,j	Substantivo Genitivo Masculino Singular

3.5. ESTUDO DAS PALAVRAS CHAVES

3.5.1. *pa,ntej* (todos)

A palavra *pa,ntej* representa um advérbio. Este pode significar “de todos os modos”, “certamente”, “provavelmente”, “sem dúvida” (Lc 4.23; At 18.21; 21.22; 28.4; 1Co 9.10). Também, significa “pelo menos ou por todo e qualquer meio” (1Co 9.22). Este advérbio é empregado para expressar o envolvimento de todos os homens, tanto judeus como gentios, em transgressão.

O apóstolo Paulo tinha o objetivo de manifestar, independente de raça, que “no tocante ao agravamento que intensifica a pecaminosidade de cada um, todos eles, sem exceção ou discriminação, encontram-se na categoria de pecadores (cf. vv 9-10)”.

3.5.2. *a`marta,nw* (pecado)

O termo *a`marta,nw* significa “errar”, “errar o alvo”, “perder”, “não participar de alguma coisa”, “enganar-se”. A palavra mais utilizada para pecado é o substantivo *hamartia* que significa “erro”, “falta de alcançar um alvo”. O adjetivo e o substantivo *hamartó-los* representa “coisas ou pessoa que falha”.

O AT não possui um termo para pecado, conforme existe no NT, porém, é desenvolvido um conceito vétero-testamentário do pecado, contrário a ideia da aliança (Jr 3.10; 1Sm 15.23).

O NT, o termo “*hamartia* ocorre 173 vezes, das quais 64 ocorrências se acham em Paulo (inclusive 48 em Romanos), 25 em Hebreus e 17 cada em João e nas epístolas de

João (...) *hamatia* sempre se emprega no NT acerca do pecado humano que, em última análise, é dirigido contra Deus”.

As declarações do apóstolo Paulo acerca do pecado encontram-se em Romanos 1-8. Ele enfatiza que tanto judeus como gentios arruinaram-se quando caminhavam em oposição à justiça de Deus. Esta não pode ser atingida por meio da Lei. A Lei (*nomoj*) produz o conhecimento do pecado (Rm 3.20; 5.20; 7.7 segs.; Gl 3.22), mas, a Lei não é em si mesma o caminho da salvação.

“Paulo quase sempre emprega *hamartia* no sing. O pecado é quase um poder pessoal que age no homem e através dele (Rm 5.12, 21; 6.6, 17; 7.9 e segs.)”. Na verdade, o apóstolo Paulo não ofereceu qualquer ensinamento sistemático sobre o pecado. Ele descreveu a vitória de Cristo sobre os poderes da Lei, do pecado e da mente, que dão lugar à justiça e à vida.

3.5.3. u`stere,w (carecer)

O verbo *u`stere,w* significa “faltar”, “ter falta de”, “estar destituído de” (cf. Mt 19.20; Lc 15.14; 1Co 1.7; 8.8; 12.24; Fp 4.12). O termo *u`sterou/ntai* expressa uma condição e não uma ação, ou seja, “estar em necessidade”, diferentemente, de “faltar” ou “falhar”. “Estamos destituídos daquela perfeição que reflete a perfeição divina e, por conseguinte, da glória de Deus”.

3.5.4. do,xa (glória)

No AT, *do,xa* (*doxa*) significa “pompa”, “poder”, “majestade terrena” (Is 17.4; 35.2; Ag 2.3). Também, *doxa* representa a glória e poder de Deus (Sl 24.7; 29.3; Is 42.8). “Na LXX se empregam para a aparência, i.é, para a manifestação de uma pessoa, ressaltando-se especialmente a impressão que cria sobre outra pessoa”.

No NT, *doxa* possui o sentido de “glória”, “majestade”, e “poder de Deus”. A herança do AT pode ser vista em: “o Deus da glória” (At 7.2), o “Pai da glória” (Ef 1.17), “a glória majestosa” (2Pe 1.17), “a glória de Deus” (Mt 16.27; At 7.55; Rm 1.23; 6.4; Ef 3.16; 1Tm 1.11; Ap 15.8).

De um modo geral, *doxa* pode ser traduzida por “honra”. O apóstolo Paulo imitando a Cristo, não procurava a glória que vinha dos homens (1Ts 2.6), pois, de livre escolha, aceitava a desonra (2Co 6.8; 4,10), combatia o bom combate a favor de honrar ao Senhor (2Co 8.19), e esperava a honra e o louvor que Cristo lhe concederia como galardão (1Ts 2.19-20; Fp 2.16). Doxa “é o conceito importante (cf. At 3, supra) de que os crentes participam da glória (Jo 17.22; 2Co 3.18; Rm 8.30 vb. 8.18, 21; 1Co 2.7; 2Co 4.17; Fp 3.21; 1Ts 2.12; Hb 2.10; 1Pe 5.1, 4, 10)”.

A afirmação do apóstolo Paulo envolvendo os justos no dia do juízo final, de que recebiam a “glória e a honra e a imortalidade”, quer dizer que alcançariam a própria “vida eterna” (Rm 2.7, 10; 5.2).

3.5.5. *qeo,j* (Deus)

O termo grego *qeo,j* (*theos*) é a designação mais frequente de Deus no NT. *Theos* é o Deus que fala e se revela mediante suas palavras e atos; faz conhecida sua vontade em mandamentos e exigências; dirige-se a cada pessoa individualmente e recebe para a comunhão com Ele todos aqueles que creem em Cristo Jesus.

Theos deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1Tm 2.4), porque a Sua graça salvadora se manifestou a todos os homens (Tt 2.11). *Theos* “é justo quando condena a humanidade pecaminosa. É igualmente justo, porém, quando outorga a sua graça perdoadora àqueles que creram em Cristo e na sua salvação obtida por meio dele”.

3.6. TEOLOGIA DO TEXTO

O argumento de Romanos 3.23 foi cuidadosamente elaborado a fim de ressaltar que o pecado exclui todos os homens da glória de Deus. Paulo silenciou tanto judeus quanto gregos, de que “pois, todos pecaram”, sem exceção, encontravam-se sujeitos a força do pecado original. O tempo verbal *h/marton* empregado por Paulo abrangia todo aspecto no qual possa ser contemplada a pecaminosidade da raça humana. “O pecado de Adão contaminou toda humanidade e o resultado é que todos depois de Adão nasceram em estado de morte espiritual e de pecado (Rm 5.12-14, 17; Ef 2.1,3)”.

Dessa forma, há uma sentença de condenação sobre o primeiro homem, Adão e a todos os que vieram depois dele. Frank Thielman afirmou:

Os gentios estão “mortos em suas transgressões e pecados”, e os judeus, como Paulo antes de sua conversão, também vivem “satisfazendo as vontades da carne, seguindo os seus desejos e pensamentos” (Ef 2.1,3). Os judeus são “como os outros, (...) por natureza mercadores da ira” (Ef 2.3; cf. Rm 1.18-3.20). Sem o Espírito de Deus, Paulo – e todas as pessoas – está “vendido como escravo ao pecado” e “nada de bom habita” nele (Rm 7.14,18).

Com a desobediência de Adão houve uma profunda alteração na natureza humana, que se tornou, por definição, pecaminosa. É essencial a essa compreensão da natureza pecadora de Adão é a noção de que todos os povos estão irremediavelmente sob o domínio do pecado.

O apóstolo Paulo estruturou seu argumento de forma a dizer que os homens pecadores “carecem da glória de Deus”. Ele tinha a intenção de levar a conclusão de que todo o homem encontra-se na condição *u`sterou/ntai* que expressa “estar em necessidade”.

A lógica do argumento de Paulo, nesse verso, segue de perto a abordagem da universalidade do pecado e do estado de carência dos homens em relação à presença gloriosa de Deus. “A glória de Deus, todavia, não é apenas para ser vista por aqueles que

creem (Jo 11.40), mas é para ser aceita ou fazer parte daqueles que creem (II Co 3.18) e é o seu destino (ITs 2.12; IITs 2.14)”.

O fundamento teológico de Paulo é representado pelo caráter superior da glória de Deus em relação ao pecado. A condição de pecador é desfavorável, desqualifica a condição da vida. O caráter completamente gracioso da glória de Deus será a justificação (v.24) que pode eliminar a condição da transgressão.

O caso genitivo do substantivo *qeou/* (theou) é geralmente usado para indicar que uma coisa está intimamente relacionada com outra (normalmente pertencendo ou sendo possuída pela outra). No caso em estudo, o relacionamento mostrado pelo genitivo, significa que a glória a quem o homem carece pertence a Deus.

Portanto, em Romanos 3.23, Paulo deu início à universalidade do pecado original, conceito importante que caracteriza a condição presente de todos os homens. Esta é destituída da presença divina, necessidade criada pela ira de Deus para definir a provisão da graça divina.

3.7. APLICAÇÃO DO TEXTO E SUA MENSAGEM A SITUAÇÕES REAIS DE HOJE

De modo geral, se pode chegar a duas conclusões a partir do acontecimento culminante: “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). A primeira conclusão corresponde ao caráter completamente universal do pecado, exclui qualquer tipo de vanglória étnica. O argumento do apóstolo Paulo em Romanos 3.23 tinha por alvos judeus e gregos, que confiam na posse da Lei mosaica (2.17,23), e no poder da sabedoria, respectivamente. Por causa do dom divino graciosamente outorgado, mesmo o judeu ou o grego mais piedoso escapará da justa punição de Deus, apenas por causa do dom do sacrifício de Jesus Cristo, não porque tenham o direito, por meio de esforços e obediência

pessoal.

A segunda conclusão consiste no sacrifício da expiação de Cristo que proporcionou nos gentios e judeus pertencerem ao povo de Deus (Rm 3.29,30). O sacrifício de Cristo foi o meio pelo qual o Deus justo pode permitir que os pecados cometidos anteriormente não fossem punidos, e Ele poderia absolver judeus e gentios, neste mundo presente e no dia final.

O mundo todo terá de prestar contas a Deus pelos pecados cometidos. Todas as pessoas, sem exceção, estão sujeitas ao juízo de Deus. Todavia, a graça de Deus declara os que creem em Cristo, livres da culpa do pecado pela fé. A justiça salvífica de Deus é para todos, pois, Ele o fez mediante a cruz de Cristo, redimindo graciosamente seu povo de seus pecados (Rm 3.24). Assim, Cristo é a resposta divina para o pecado original, Deus perdoou a todos, ao não puni-los do jeito que mereciam (Rm 3.25).

4. PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS SOBRE O PECADO

O ensino bíblico sobre o pecado revela várias reflexões sobre o pecado que deve merecer atenção especial de cada estudante das Escrituras. Neste sentido, são apontados

cinco princípios teológicos fundamentais, sem se desviar da verdadeira noção da obra redentora de Cristo, a saber: 1) o pecado entrou no mundo por Adão, e assim passou a todos os homens; 2) o pecado faz do homem objeto de ira de Deus; 3) o pecado é punido pela condenação futura, determinada desde agora; 4) o pecado imperdoável envolve a dureza de coração e a falta de arrependimento; 5) todo pecado é purificado pelo sangue de Cristo.

4.1. O PECADO ENTROU NO MUNDO POR ADÃO, E ASSIM PASSOU A TODOS OS HOMENS

Por meio de Adão, os homens vieram a tornarem-se pecadores (Rm 5.12). Foi por meio dele que o pecado entrou no mundo e, com o pecado, a morte. “A fonte do pecado origina-se em Adão. Parece bastante claro que Paulo acreditava no “pecado original” no sentido de que o pecado de Adão fazia com que todos os homens se tornassem pecadores”.

O pecado de Adão não foi apenas um ato moral, foi uma alteração da natureza humana. A partir do ato de Adão todos os seres humanos nasceriam pecadores, pois, a natureza humana se degenerou, tornando-se má. Augustus H Strong afirmou:

Porque o coração e os seus desejos tinham-se tornado corrompidos a disposição interior manifestou-se em atos (...). Assim o homem caiu interiormente antes do ato exterior de comer o fruto proibido, caiu em uma fundamental determinação pela qual ele fez a suprema escolha do eu em lugar de Deus.

O ato de desobediência de Adão causou profunda alteração na natureza humana. De maneira similar, o pecado tem sua sede no coração, na palavra de Berkhof, “o pecado não reside nalguma faculdade da alma, mas no coração, que na psicologia da Escritura é o órgão central da alma, onde estão as saídas da vida”.

O pecado originou na vontade livre do homem em substituição a grandeza e glória de Deus. A inclinação contra Deus passou a existir, e o sentimento de dependência de Deus

foi afetado profundamente. Para Adão, Deus havia dado uma palavra necessária de precaução, mas, Adão respondeu em desobediência. O pecado desfigurou a natureza humana.

Sobre a experiência no jardim do Éden, que mudou a natureza humana, Berkhoff escreveu:

Adão se rendeu à tentação e cometeu o primeiro pecado, comendo do fruto proibido. Mas a coisa não parou aí, pois com esse primeiro pecado trouxe consigo corrupção permanente, corrupção que, dada a solidariedade da raça humana, teria efeito, não somente sobre Adão, mas também sobre todos os seus descendentes. Como resultado da queda, o pai da raça só pôde transmitir uma natureza depravada aos descendentes.

Adão é o representante da raça humana, e o grande responsável pelo pecado original. A partir do seu ato de desobediência todos os seres humanos nasceriam pecadores. Deus atribui a todos os homens a condição de pecadores culpados em Adão, mas também, atribui a todos os que creem em Cristo, a condição de justos (Rm 5.18-19). “Nesse contexto, os homens não são justos por cometerem atos de justiça; são justificados em Cristo. Portanto, nesse contexto, os homens não são pecadores simplesmente porque cometem atos pecaminosos; são pecadores em Adão”.

Cristo é a salvação do pecado original, pois, o seu ato de justiça, trouxe sobre os homens a graça que torna possível a justificação. Como todos em Adão foram separados de Deus, todos em Cristo foram reunidos a Deus, a saber, os que creem em seu nome.

4.2. O PECADO FAZ DO HOMEM OBJETO DE IRA DE DEUS

O conceito de um Deus irado continua a levantar problemas na mente dos cristãos. Evidentemente não se pode descartá-lo dizendo que o Deus de ira pertence ao AT, ao passo que o Deus do NT é amor. É verdade que a ira de Deus não pode coexistir com o pecado,

visto que ela é absolutamente pura e não contaminada pelos elementos que tornam pecaminosa a ira humana. “Em Paulo, a ira de Deus não é uma emoção que diz como Deus está se sentindo; antes, ela nos diz como ele age em relação ao pecado – e aos pecadores (...). A ira expressa o que Deus está fazendo e o que fará com o pecado”.

A ira de Deus é um antagonismo contínuo e permanente, despertado somente pelo pecado, e expresso na condenação dele. De maneira similar, a ira de Deus, nas palavras de Ladd, “é o juízo que cai sobre o pecado na ordem moral do governo de Deus. A ira é a reação divina ao pecado”.

Deus não pode estar na presença do pecado, e se este chegasse a ele é condenado e punido. Os pecadores não podem chegar-se ao Deus Santo sem impunidade. Assim, no último dia, os que não encontrarem refúgio e purificação em Cristo ouvirão as palavras mais terríveis de todas: “apartai-vos de mim” (Mt 7.23; 25.41). Na expectativa escatológica, “o dia do juízo será um dia de ira para os pecadores (Rm 2.5; cf. 1Ts 1.10)”.

A ira de Deus não é apenas manifesta no final dos tempos, pois, ela também caracteriza o relacionamento no tempo presente entre Deus e os homens. “Na antiga dispensação, fora de Cristo, os homens eram filhos da ira (Ef 2.3). A ira de Deus é revelada dos céus, contra toda a impiedade e injustiça dos homens (Rm 1.18)”. Deus age no presente em relação ao pecado.

Paulo descreve que os inimigos de Deus, permanecem sob a ira divina (Rm 5.9; Ef 2.3), pois, Deus tem que ser hostil ao pecado. “O conceito da ira de Deus não deve ser entendido como o equivalente à ira das divindades pagãs que poderiam ser transformadas em benevolência, por meio de oferendas apropriadas”. O que a Escritura revela, é que se deve realmente crer em Jesus, pois mediante a sua morte, houve o desvio da ira do Pai, mediante o alto-sacrifício amoroso em Cristo.

4.3. O PECADO É PUNIDO PELA CONDENAÇÃO FUTURA, DETERMINADA NO TEMPO PRESENTE

Deus julgará os segredos dos homens por Cristo Jesus. O juízo de Deus contra o pecado será absolutamente justo, e não arbitrário, pois, ele forneceu um meio de salvação na obra redentora de Cristo, e a base de seu julgamento será o Evangelho (Rm 2.16; 2Ts 1.8). O Evangelho não somente mostra aos homens pecadores os acontecimentos no século futuro, como conduz a uma experiência presente dessa vida futura. Por isso, a condenação futura contra o pecado começa agora no presente na pessoa de Cristo. Se um homem rejeitar a Cristo, morrerá em seus pecados (Jo 8.24).

O destino futuro dos homens pecadores depende de sua reação presente para com a pessoa e missão de Cristo: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus (Jo 3.18)”. Desta maneira, crer em Cristo (*pisteuō eis*) recebe uma forte ênfase. A frase é encontrada apenas uma vez nos Sinópticos (Mt 18.6). Em João, essa frase é encontrada treze vezes nas palavras do próprio Senhor Jesus, e vinte e uma vezes na interpretação de João.

O juízo sobre o pecado é uma experiência escatológica firmada em Jo 12.48: “Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia”; mas é também uma realidade espiritual presente que depende diretamente de uma ação favorável ou desfavorável dos homens, na fé ou na incredulidade ao Reino que se faz presente na pessoa de Cristo. O juízo futuro acarretará uma terrível condenação, que é a justa punição do pecado e da descrença. “Contudo, por causa da justificação em Cristo, o dia do juízo deixou de ser aterrorizante para o homem em Cristo (Rm 8.1, 33, 34)”.

O pecado é uma questão resolvida no tempo presente por Deus, por meio da morte vicária de Cristo, a fim de levar a conclusão de que o pecado, não pode ser perdoado por qualquer esforço humano. Deus é o justo juiz, que condenou o pecado. Grudem escreveu:

Paulo entende que, não houvesse Cristo vindo para sofrer a penalidade dos pecados, não se poderia provar que Deus é justo. Como ele deixara os pecados do passado sem castigo, as pessoas poderiam, com toda a razão, acusar a Deus de injustiça, pois um deus que não pune os pecados não é Deus justo. Portanto, quando Deus enviou a Cristo para morrer e sofrer a penalidade dos nossos pecados, demonstrou que era de fato justo. Acumulou o castigo devido aos pecados anteriores (os dos santos do Antigo testamento) e depois, com perfeita justiça, impôs a Jesus esse castigo na cruz. A propiciação do Calvário, portanto, demonstrou claramente que Deus é perfeitamente justo, pois tinha “em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus (Rm 3.26).

Observa-se que o ato pecaminoso está sujeito à condenação (presente e futura) que extingue o pecado. Deus já começou a punir suas criaturas pecadoras ao entregá-las às consequências de seu pecado (Rm 1.18, 24, 26, 28). E ainda, no “dia da ira” final, Deus, por meio de Cristo, executará a toda a medida da punição de sua ira contra os desobedientes (Rm 2.5,8; 5.9; 9.22; 1Ts 1.10; 2Ts 1.5-10).

4.4. O PECADO IMPERDOÁVEL ENVOLVE A DUREZA DE CORAÇÃO E A FALTA DE ARREPENDIMENTO

Várias são as passagens bíblicas que mencionam sobre o pecado que não pode ser perdoado (Mt 12.31-32; Mc 29.30; Lc 12.10; Hb 6.4-6; 10.26-27; 1Jo 5.16-17), “após o qual é impossível a mudança do coração e pelo qual não é necessário orar”.

Na prática existem várias concepções sobre a natureza do pecado imperdoável. A primeira, trata de um pecado que só poderia ser cometido enquanto Cristo estivesse na terra. Grudem entende que tal concepção é destituída de fundamento, ao afirmar:

A declaração de Jesus de que todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens (Mt 12.31) é tão geral que parece arriscado dizer que só se refere a algo que poderia ocorrer apenas durante a sua vida – os textos em questão não especificam tal restrição. Além disso, Hebreus 6.4-6 fala da apostasia que aconteceu vários anos após Jesus ter voltado ao céu.

Jerônimo e Crisóstomo eram os defensores desta primeira concepção. Eles sustentavam que o pecado imperdoável foi cometido pelas pessoas que estavam convictas em seus corações de que Jesus fazia milagres pelo poder do Espírito de Deus, porém, recusavam reconhecer, atribuindo à operação de Satanás.

A segunda concepção expressa o pecado da incredulidade persistente até a morte. Trata-se de uma recusa durante a vida em aceitar Jesus Cristo pela fé. Grudem não aceita tal concepção, pois, “essa explicação não parece se ajustar à linguagem empregada, pois não se fala de incredulidade em geral, mas especificamente de alguém que fala “contra o Espírito Santo” (Mt 12.32), blasfema “contra o Espírito Santo” (Mc 3.29) ou comete apostasia (Hb 6.6).

Os defensores da concepção da incredulidade persistente foram Agostinho, os dogmáticos da igreja luterana, de linha de Melancton, entre outros. Eles entendiam que o pecado sem perdão consistia na impenitência obstinada até o fim. Este conceito encontra-se correlacionado a incredulidade persistente.

A terceira concepção, defendida pelos teólogos luteranos, entendia que o pecado imperdoável ocorre unicamente por pessoas regeneradas. É uma espécie de apostasia dos cristãos sinceros. Esta concepção é combatida por Grudem, quando afirma: “ele não explica a blasfêmia contra o Espírito Santo nas passagens dos Evangelhos, nas quais Jesus responde à empedernida rejeição dos fariseus à obra do Espírito Santo por intermédio dele”. Portanto, é um erro dos que ensinam que somente os regenerados podem cometer pecado contra o Espírito Santo.

Para Grudem, a quarta concepção “consiste em rejeição e calúnia especialmente maliciosas e deliberadas à obra do Espírito Santo em seu testemunho de Cristo e na atribuição dessa obra a Satanás”. Na verdade, o pecado imperdoável caracteriza-se pela rejeição a autoridade e ao ensinamento de Jesus, atribuindo ao Diabo.

De modo similar, Berkhof define o pecado sem perdão como sendo aquele que

“consiste na rejeição e calúnia consciente, maldosa e voluntária, e isso contra as evidências e respectiva convicção do testemunho do Espírito Santo a respeito da graça de Deus em Cristo, atribuindo-o, por ódio ou inimizade, ao príncipe das trevas”.

A rejeição e calúnia consciente, maldosa e voluntária representa uma franca negação da verdade. É o exemplo dos fariseus que viram as obras de Jesus, seu poder de curar, expulsar demônios, dar vida e saúde a muitas pessoas. Os fariseus viram claramente as demonstrações do poder do Espírito Santo agindo por intermédio de Cristo. “A calúnia deliberada e maliciosa contra a obra do Espírito Santo em Jesus, calúnia pela qual os fariseus atribuíram tal obra a Satanás, não seria perdoada”.

O pecado é imperdoável devido afastar o pecador do arrependimento e da fé. Na perspectiva de Grudem:

O fato de o pecado imperdoável envolver dureza de coração e falta de arrependimento tão radicais indica que aqueles que temem tê-lo cometido, mas sentem remorso do pecado no coração e desejam buscar a Deus, certamente não estão na mesma categoria dos que são culpados dele.

Aqueles que conhecendo a verdade e dela convencidos, mas deliberadamente a rejeitam são os que acarretam a impossibilidade de arrependimento e da fé pela sua própria dureza de coração. A fé, em si mesma, não possui absolutamente nenhum valor; seu valor está somente em seu objeto, Jesus Cristo. “Visto que a base da justificação é só Cristo, a quem nos unimos pela fé, o justificado tem paz”.

4.5. TODO PECADO É PURIFICADO PELO SANGUE DE CRISTO

Sem derramamento de sangue o pecado não pode ser perdoado (Hb 9.22). Este sangue representa vida, e este foi oferecido como expiação pelo pecado original. Sabe-se

que Adão se rebelou contra Deus, e seu fluxo sanguíneo se contaminou pelo pecado. Então, o sangue impuro de Adão passou a correr nas veias de cada homem, e com ele a sentença de morte: “Aos homens está ordenado morrerem um só vez, vindo depois disto o juízo” (Hb 9.27).

O julgamento divino sobre o pecado original foi perdoado pelo derramamento do sangue de Cristo, como Hebreus 9.22 afirma: “(...) sem derramamento de sangue, não há remissão”. O derramamento do sangue de Cristo se constitui em um sacrifício voluntário definitivo e eficaz para todo o pecador. Nele foi pago completamente a punição de Deus pelo pecado. “O sangue de Jesus derramado por muitos refere-se à sua morte sacrificial, pela qual muitos serão beneficiados”.

O pecado adâmico veio ao mundo. Tanto Satanás quanto Adão haviam desafiado a lei divina, “no dia em que dela comeres, indubitavelmente morrerás” (Gn 2.17). O resultado da desobediência foi a morte. O pecado dera em resultado a morte de todos os homens. A natureza tornou-se contaminada, e o pecado infeccionou toda a raça humana. E toda a criação foi lançada a desarmonia. Sobre o pecado original, Berkhof entende:

O pecado original tanto é um estado quanto uma qualidade inerente à corrupção do homem. Todo homem é culpado em Adão e, conseqüentemente, nasce com uma natureza depravada e corrupta. E esta corrupção interna é a fonte poluída de todos os pecados atuais.

O sacrifício de Jesus Cristo representa o cumprimento de um novo pacto, cujo objetivo é o perdão dos pecados. A questão fundamental da importância do sangue de Cristo derramado consiste em que todo o pecado é purificado (1Jo 1.7). “Devido à obra de Cristo, os cristãos podem ter a certeza de que não são mais pecadores, mas homens que foram purificados de toda mancha e culpa de pecado. O perdão dos pecados (...) é um sinônimo dessa purificação”.

O derramamento do sangue de Cristo é eficiente, quanto a purificação dos pecados, não apenas para aqueles que vêm a crer nele, mas, também, purifica os pecados dos santos do Antigo Testamento. Jesus se tornou o “Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna” (Hb 9.15). Como inauguração do novo pacto, Cristo aboliu o pacto antigo.

No AT, os sacrifícios repetitivos serviam para efetuar a santidade cerimonial e dedicação a Deus, isto é, como uma constante advertência contra os pecados. A santificação não possui conotação de isenção de pecaminosidade, mas, de dedicação a Deus. Ao contrário do sacrifício de Cristo, na qual o seu sangue derramado, possibilitou a Deus perdoar os pecados de seu povo e assim fornecer um meio para purificar suas consciências do pecado (Hb 10.22).

Quando Jesus Cristo morreu na cruz, a possibilidade de salvação foi consumada por sua morte, pelo derramamento de seu sangue, pelo pagamento da penalidade e pelo pagamento do preço. Jesus não salvou os pecadores por prata, nem por boas obras, mas pelo seu próprio sangue.

5. CONCLUSÃO

A ideia de pecado original consiste em que todos os homens foram afetados por uma terrível calamidade ocorrida nos primórdios da existência humana. Há dois aspectos relacionados ao conceito de pecado. O primeiro é representado pelo pecado herdado, e o segundo consiste no pecado pessoal. O primeiro é algo que a pessoa tem, quer queira, quer não. Já o segundo é algo que a pessoa pratica.

Assim, o pecado não é apenas uma questão de se sentir mal por ter manchado a reputação, ou por não se ter vivido à altura os padrões da sociedade moderna. Este é um mal universal (Rm 3.10; 1Jo 1.8; Lc 11.13; 1Jo 5.19; 1Rs 8.46; Sl 143.2; Pv 20.9; Ec 7.20 e Sl 51.2), pois, quando Adão pecou, caiu, e em sua queda levou toda a raça humana, pois, ele era o pai e cabeça da raça, era a raiz da humanidade. Daí o fato de chamar-se o seu

pecado de original, ou seja, pecado da raça humana.

Os homens têm feito muito esforço através dos anos para negar a realidade do pecado, mas isto é impossível, pois, o pecado é uma realidade e um fato universal: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3.23). É a realidade absoluta que exprime a condição fundamental sobre o pecado original, ou seja, a uma sentença de condenação sobre o primeiro homem, Adão e a todos os que vieram depois dele.

O fundamento teológico da argumentação paulina consiste em que o caráter da glória de Deus é superior ao poder do pecado. A condição de pecador é desfavorável, desqualifica a condição da vida, mas, o caráter completamente gracioso da ação de Cristo Jesus (a glória de Deus) será a justificação que elimina a condição da transgressão para todo que Nele crê.

No Dia do Juízo, o mundo todo terá de prestar contas a Deus pelos pecados cometidos. Todas as pessoas, sem exceção, estão sujeitas ao juízo de Deus. Mas, a graça de Deus declara os que creem em Cristo são livres da culpa do pecado, pela fé. A justiça salvífica de Deus é para todos, pois, Ele o fez mediante a cruz de Cristo, redimindo graciosamente seu povo de seus pecados (Rm 3.24). Desta maneira, Cristo é a resposta divina para o pecado original, Deus perdoou a todos, ao não puni-los do jeito que mereciam (Rm 3.25).

6. BIBLIOGRAFIA

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tr. Odayr Olivetti, Campinas-SP: LPC, 1990. 720p.

CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo**. 3 vol. São Paulo: Hagnos, 2002. 887p.

COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do NT**. Trad. Gordon Chown. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773p.

DORNAS, Lécio. **A Epístola aos Romanos: *Praticando a nossa fé.*** Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 120p.

GRINGRICH, F. Wilbur e DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português.** Trad. Por Júlio P.T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984. 228p.

GRUNDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática.** trad. Norio Yamakami, et.al., São Paulo: Vida Nova, 1999. 1046p.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento.** Trad. João Marques Bentes, Fabiani Medeiros, Valdemar Kroeker. 3. ed. atual e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008. 647p.

HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do AT.** Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789p.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** Trad. Degmar Ribas Junior. São Paulo: Hagnos, 2003. 901p.

MURRAY, John. **Romanos: comentário bíblico da fiel.** São Paulo: Fiel, 2003. 684p.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody: Romanos a Apocalipse Evangelhos e Atos.** Vol. 5. São Paulo: IBR, 2001. 448p.

RUF, Ambrosius Karl. **O pecado, o que é?** trad. Leo Nicolau Orth. Petrópolis: Vozes, 1978. 97p.

RYRIE, Charles C. **Teologia Básica: ao alcance de todos.** trad. Jarbas Aragão, São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem.** trad. Hans Udo Fuchs, Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. 448p.

STRONG, Augustus H. **Teologia Sistemática.** trad. Augusto Victorino, 2 Vol. São Paulo: Hagnos, 2003.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética.** Trad. Rogério Portella e Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

902p.

THIESSEN, Henry Clarence. **Palestras em Teologia Sistemática**. São Paulo: EBR, 1997.